

O FIM DO IMPÉRIO DO ORIENTE E A ILUSÃO DA UNIVERSALIDADE DO OCIDENTE

MARCOS DEL ROIO¹

INTRODUÇÃO

Em 11 de novembro de 1989 uma pequena multidão colocava abaixo o Muro de Berlim, que desde 1961 dividia a cidade em duas partes: a capital da República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) e um enclave que fazia parte da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental). A cidade dividida de Berlim foi um dos pontos de maior tensão em todo o decorrer da chamada guerra fria, tendo-se transformado em símbolo dessa contenda política e ideológica entre os EUA e a URSS. De fato, com o fim da guerra dos trinta anos do século XX (1914-1945) o planeta assistiu a consolidação de dois grandes impérios, em torno dos quais as nações do mundo tiveram que orbitar seguindo uma hierarquia. O império liberal do Ocidente, nucleado nos EUA, por um lado, e o império socialista do Oriente, por outro, cada qual com suas características e natureza próprias: o império do Ocidente regido pelo processo de acumulação capitalista imperialista e o império do Oriente regido pela acumulação não-capitalista do capital, sob forma de um socialismo de Estado (um não-socialismo).

Grave crise de hegemonia assolou o império do Ocidente nos anos 70, que do ponto de vista da acumulação do capital ainda persiste, mas que se recompôs a partir dos anos 80 como núcleo de um arco de poder imperial, enquanto o império do Oriente entrou em crise irreversível desde fins dos anos 70. A pressão econômica e militar do império do Ocidente levou o império soviético à completa exaustão nos anos 80. A crise começou pelo elo mais frágil que era a Polônia, onde a hegemonia da burocracia socialista era frágil e tinha que se ver com a hierarquia da Igreja Católica, cuja ascendência era forte entre os camponeses e crescente na classe operária. A estagnação econômica na URSS e no conjunto dos Estados denominados como socialista deveu-se a incapacidade de incorporar produtividade e aos gastos enormes em armamentos para fazer frente aos EUA e seus satélites europeus.

A esperança de alguns de que da crise pudesse haver uma recuperação de uma concreta democracia socialista antagônica ao poder burocrático, mostrou-se uma cruel ilusão. A crise de

hegemonia apontava apenas para duas saídas e ambas indicavam a manutenção do poder político social existente. De início tentou-se a passagem do socialismo de Estado para uma variante de capitalismo monopolista de Estado, com a legalização e ampliação do mercado. Essa alternativa já presente em alguns países da Europa oriental, como a Polônia, a Hungria e a Iugoslávia, assim como na China desde 1978, viu-se momentaneamente fortalecida a partir de 1985 na URSS, com o governo Gorbachev.

O fracasso do governo Gorbachev ocorreu por conta da acentuação da crise de hegemonia, com a fragmentação política da burocracia. Enquanto Gorbachev se empenhava na passagem para o capitalismo monopolista de Estado (que vinha sendo bem sucedido na China), uma parte da burocracia preferiu persistir na defesa do socialismo de Estado, forma econômico-política implantada nos anos 30. No entanto, um terceiro grupo, que se desdobrou da área favorável às reformas capitalistas, optou por se fortalecer encontrando aliados externos, quer dizer, capitulando aos desígnios do Império liberal do Ocidente e apostando na instauração do capitalismo propriamente dito e na inserção periférica no império do Ocidente. De fato, sem sustentação política e sob forte pressão americana, que agora contava com aliados dentro da própria URSS, em 1988, em encontro realizado na Islândia, Gorbachev apresentou a capitulação política e ideológica frente ao Ocidente. O caminho para a dissolução do império do Oriente e para a instauração do capitalismo estava aberta.

No decorrer do ano de 1989 todos os regimes (pseudo) socialistas da Europa oriental ruíram e mesmo a China passou por grave crise. O movimento teve início pelos seguidos elos fracos, onde a burocracia socialista gozava de pouca sustentação social e onde a questão nacional tinha forte sentido anti-russo, como os casos da Polônia e da Hungria. Nesses países a opção liberal capitalista se firmou desde logo e com muita força, correspondente a fragilidade do predomínio da burocracia socialista em países de raízes camponesas e católicas tão sólidas. A oposição aos regimes se fortalecia por toda a parte com a mistura ideológica que confundia democracia e liberdade com

capitalismo. A vitória política e ideológica do Ocidente esta perto de ser total. Quando a Hungria abriu as suas fronteiras com a Áustria, a Alemanha Oriental não tinha mais como se sustentar, e a existência do Muro de Berlim deixou de ter qualquer finalidade tendo sido posto abaixo em novembro daquele ano de 1989. O fim da fronteira fechada entre os dois Estados alemães gerou a rota para que a Alemanha Oriental fosse anexada (e colonizada) pela Alemanha Ocidental.

Nada mais era capaz de deter a desintegração do império do Oriente. Ruíram todos os regimes ditos socialistas da Europa oriental até que fosse atingido o próprio coração do império. O fracasso de Gorbachev se desdobrou na dissolução da própria URSS. O resultado da grande crise de 1989-1991 foi o fim do império socialista do Oriente e a vitória espetacular do império do Ocidente, tão espetacular que fez difundir a crença de que se conformava finalmente um Império Universal, forma final do predomínio do liberalismo e do capitalismo. Passados 20 anos da queda do Muro de Berlim esse emblemático símbolo do fim de uma época, pode-se afirmar que as ilusões vieram todas ao solo: o império universal do capital, nucleado nos EUA, não consegue se consolidar e as condições de vida da maioria dos povos que viviam sob o domínio do império do Oriente são hoje muito piores.

ⁱMarcos Del Roio, professor de Ciências Políticas da faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, câmpus de Marília, é autor de *O império universal e seus antípodas* (Ícone, 1998) e *Os prismas de Gramsci* (Xamã, 2005).